

Exma. Senhora secretaria de Estado da Igualdade e Migrações,

Exmo. Senhor Presidente da Camara de Guimarães

Exma. Senhora Embaixadora de França em Portugal.

Exm^a Sra. Comissária pela parte portuguesa,

Exm^a Sra. Comissária pela parte francesa,

Exmos e Exmas oradores e oradoras,

É para mim um enorme orgulho fazer parte da equipa que planeou e fez acontecer este Fórum Igualdade: encontro feminista entre Portugal e França, remake do fórum igualdade ocorrido em Angers em março passado, ambos pontos altos da Temporada Cruzada 2022.

Um enorme obrigada à equipa da CIG, que tenho a sorte e privilégio de dirigir, e que fez um trabalho excelente na organização deste evento.

E um grande obrigada à equipa francesa com quem temos trabalhado nesta temporada que é igualmente excelente.

Portugal e França, nestes dois Fóruns para a Igualdade, reiteraram ao mundo o seu compromisso para o apoio e desenvolvimento de uma agenda política, social e económica, que combata os persistentes estereótipos de género, para que qualquer pessoa, mulher, homem, rapaz, rapariga, possam viver as suas vidas em todo o seu potencial.

Nos últimos dois dias desfilaram por este palco personalidades fortes, pessoas empenhadas, pessoas que se preocupam, pessoas que estudam, pessoas que gritam alto as suas ideias e as suas causas, pessoas que agitam as águas, pessoas que marcam a diferença, pessoas que nos fazem ficar a pensar...

Subiram a este palco ou estiveram connosco *online* muitas pessoas feministas, com diferentes perspetivas, mostrando-nos a diversidade do feminismo e até houve quem questione se a palavra em si não deve passar a ser usada no plural, dada a vastidão de realidades que pode abarcar.

E ficámos também a saber que é uma palavra muito, mas mesmo muito pouco, usada na Assembleia da República. Que quererá isto dizer?

Subiram a este palco mulheres e homens que nos desassossegaram, e que bom que isso é!

Fazerem-nos pensar, refletir e convocarem-nos a sair da nossa zona de conforto, e perguntar-nos a nós próprios o que é que podemos fazer melhor e mais certo para de forma efetiva e consistente conseguirmos contribuir para a promoção da igualdade e não discriminação, mesmo à séria. Usando os recursos que sabemos são poucos, da maneira mais certa e eficaz.

Percebemos que é importante reconhecer que muito já se fez e que as medidas que temos vindo a tomar nos últimos anos, são parte da solução para muitos dos desafios que enfrentamos atualmente, nomeadamente os decorrentes dos impactos da pandemia COVID, da crise financeira global e dos conflitos armados em curso.

Mas também percebemos que há perigos na esquina, e que é preciso estar atentos e atentas para não deixarmos perder direitos que já adquirimos, mas que podem nunca estar garantidos.

Ouvimos também aqui dizer que Portugal é conhecido pela qualidade e modernidade da sua legislação. Que o quadro jurídico nacional está bem feito, mas que existe muitas vezes um enorme gap entre o direito legislado e o direito aplicado. E eu acrescento, em Portugal e na maioria dos países. Mas esse também é o papel da lei rasgar caminhos. É clássico dizer-se que não se mudam mentalidades por decreto. Certo! Mas é como o dinheiro. Não traz felicidade, mas ajuda muito. E a legislação ajuda e muito a mudar o status quo, porque traz a legitimidade.

Foi também aqui lembrado que é preciso ter consciência que a igualdade não acontece por geração espontânea, ela é largamente resultado das políticas públicas e das decisões políticas dos governos. Que a vontade política pode mover montanhas. E que as montanhas mais altas podem ser movidas com estratégias do *mainstreaming* de género.

Num mundo perfeito cada ministro e ministra de cada área sectorial deveria ser também, simultaneamente, um pouco ministro ou ministra para a igualdade, mas sabemos que isso não existe em sítio nenhum do mundo. Por isso ser tão importante, a estratégia de *mainstreaming* de género transversal a todas as áreas governativas, com a área da igualdade atenta, a supervisionar.

Por exemplo, alguém aqui lembrou que os manuais escolares ainda não estão a ser elaborados numa perspetiva de género, que alguns dos textos que constam dos compêndios escolares tem laivos sexistas e são pouco ou nada inclusivos. Ora aí está uma proposta de medida para executarmos em breve. Rever os manuais escolares numa perspetiva de género.

Também aqui subiram ao palco para chamar a atenção para manutenção de uma hegemonia branca, nomeadamente nas discussões sobre igualdade e feminismo e para a existência de um certo “feminismo da ONU”, como lhe chamaram;

E também nos chamaram a atenção para a invisibilidade das mulheres lésbicas;

E várias pessoas apontaram o dedo à falta de dados estatísticos que nos mostrem a realidade real e que com isso se continue a perpetuar silêncios ensurdecedores, e mais grave, que tal pode conduzir a que os algoritmos feitos a partir de bases de dados deficitárias, produzam efeitos com enviesamento de género desde o primeiro momento.

Outros ainda, alertaram para os riscos da escalada dos partidos de extrema-direita em toda a Europa e do perigo que podem representar para os direitos humanos e para o feminismo em particular.

E ouvimos homens feministas dizerem neste palco que é preciso desconstruir a masculinidade e não a reproduzir com os cânones clássicos, mas que para isso é preciso novas referências de homens. Novos modelos masculinos que sejam inspiração para outros homens, que não sejam a reprodução dos estereótipos de machos viris.

E ouvimos que a cultura pode ser um meio primordial de promover a igualdade e a diversidade, mas que para isso é preciso que haja realmente inclusão.

E reafirmou-se também que a educação é fundamental para uma mudança cultural eficiente. Mas tem de ser uma ação contínua, diária, sistémica e sistemática.

E tudo isto na sequência das Novas Cartas Portuguesas! Vejam o que aquele livro desassombrado ainda consegue inspirar e provocar 50 anos depois!

Ouvimos tantas coisas nestes dois dias que agora temos de as digerir, refletir, mas necessariamente tirar daqui conclusões, e não deixar cair no esquecimento tanto pensamento, tanto saber, tanta riqueza.

Percebemos todos e todas, que o aumento da igualdade de género não é um processo linear: a igualdade de género não se desenvolve por si mesma e requer atores resilientes que combatam a resistência e garantam a sua implementação adequada; por isso a nossa estratégia mais segura e a mais inteligente, parece-me, passa necessariamente pela educação e também pela cultura, como tantas vezes neste palco se afirmou durante estes dois dias.

Temos de apostar na capacitação e formação do pessoal docente e não docente, apostar na educação para a igualdade das nossas crianças e jovens, e através destas, das próprias famílias, só assim poderemos ter sucesso na erradicação das atitudes sexistas de forma sustentável.

Temos de continuar a tentar instituir uma cultura de tolerância zero ao assédio sexual e a todas as formas de violência sobre as mulheres, causa e consequência de desigualdade sistémica entre homens e mulheres.

Jamais poderemos aceitar que a alguém seja negado o direito de decidir sobre suas próprias vidas e seus próprios corpos.

Mulheres e homens, raparigas e rapazes, em toda a sua diversidade, devem ter o mesmo direito à integridade física e psicológica. Há algo que temos de garantir sempre. É que a culpa seja colocada onde ela pertence: nos perpetradores, e não nas vítimas.

A pandemia COVID-19, a crise climática, a crise financeira global e uma guerra na Europa são choques profundos para as nossas sociedades. Por isso mesmo, o nosso esforço conjunto, multilateral e multissectorial tem que ser intensificados.

Portugal e França, juntos, aqui a partir de Guimarães, reforçam o seu compromisso de continuar a defender os direitos humanos das mulheres. De continuar a defender uma política feminista.

Muito obrigada!